



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Esplendida*, soneto, por J. de Sousa Monteiro;—*Vida litteraria*, por D. Guiomar Torrezão;—*O aulo d'el rei Seleuco*, soneto, por Joaquim de Araujo;—*O General Cascaes e a Sociedade Philomatica*, por Pinheiro Chagas;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*A folha de hera*, conto, por Carlos Lobo d'Avila;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*As nossas gravuras*.

GRAVURAS:—*Villa da Torre de Moncorvo*;—*Modas*;—*A princeza D. Amelia e o principe da Beira*;—*Constantinopla*;—*Visconde de Juromenha*;—*José de Barros Leite Velho*.

CHRONICA

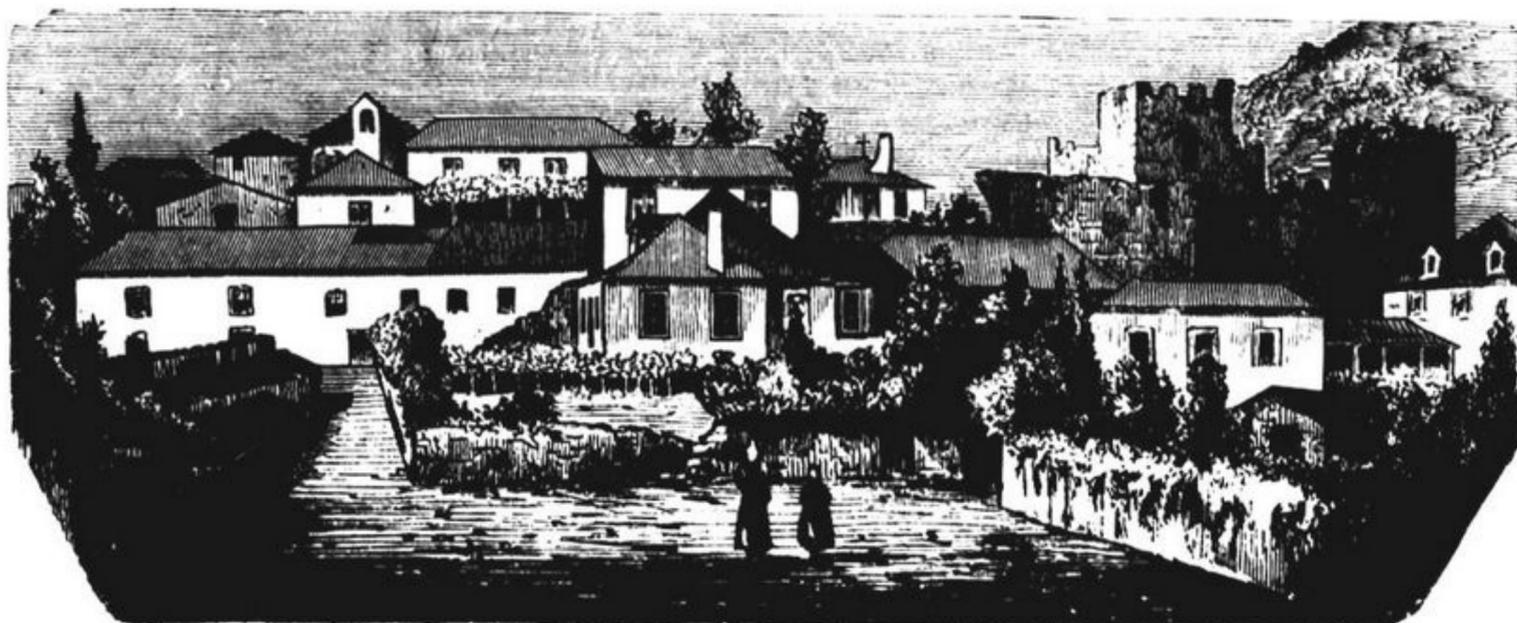
Foi-se o mez de Maria, um mez que costumava d'antes apresentar-se-nos luminoso e alegre,—quando a

terra não andava fóra dos seus eixos—, e que, n'esto anno da graça de 1887, se lembrou de apparecer lacrimoso e triste como uma Magdalena.

Os ultimos dias do Maio das rosas fôram assignalados por umas choradeiras impertinentes do ceu, que se compraz agora em levar a sua pieguice até ás lagrimas, desentranhando-se em prantos de «bébé» mimoso, ao mais pequenino arrufo que tenha com o sol ou com a lua, lá pelas alturas.

N'outras epocas distantes, dava-lhe para fazer umas berratas ruidosas a que, cá por baixo, os sabios chamavam trovoadas: Era uma inferneira de mil demonios, devemos confessal-o, mas pouco duradoira, fazendo-se ouvir de longe em longe e por momentos apenas, enquanto as lufadas do vento não levavam para horisontes longinquos as nuvensitas côr de chumbo que lhe obscureciam a limpidez do azul.

Hoje, porém, já não faz barulho: chora á chucha calada, distillando sobre as nossas cabeças lagrimas como



VILLA DA TORRE DE MONCORVO

punhos. Até s. ex.^a o ceu, que, pela sua posição e pela sua indiscutível superioridade, andava muito fóra das coisas terrenas, comprehendeu quanto ha de verdadeiro n'esta phrase popular, bem conceituosa e bem antiga: — «Quem não chora não mama.»

Vejam a que tempos nós chegámos! Até elle!

Diziam os velhos, e repetem-o ainda os novos, que a chuva de Maio faz a gente formosa e remoçada. E' possível que assim seja, mas não nos inclinamos muito a acreditar-o.

Ahi está o sr. Beirão da justiça para o desmentir, mostrando-nos cada vez mais accentuada a sua desformosura, a despeito dos borrifos com que lá de cima lhe aljofraram o precioso nariz legendario.

Quanto ao poder rejuvenescedor d'aquella chuva estival, não nos parece que seja grande. Contra esse poder está n'este momento protestando um cabello branco—o primeiro visivel, pelo menos—que o tal Maio formoso poisou na nossa cabeça, d'envolta com as perolas frias do seu pranto miudinho.

E, sinceramente o confessamos, este fio de prata muito tenue, que todas as manhãs se reproduz no crystal do nosso espelho, e se ri de nós, como um duende escarninho amortalhado n'um lençol muito alvo, causanos medo.

Uma can traiçoeira é a guarda avançada da velhice, que vem perto, com o seu cortejo de rheumatismos e catarros, com o seu sequito de desillusões e de saudades —as saudades d'uma vida que já se viveu, d'um passado que não volta mais.

Um cabello branco dá-nos a visão da senilidade escaveirada do sr. Carlos Bento e da ancianidade doentia do sr. Camara Leme—dois que tanto gozaram e tanto viveram nos bastidores da politica e nos bastidores de S. Carlos.

Mas agora reparo que estou fazendo uma elegia sobre a minha primeira can alvejante, como se a Chronica fosse logar para choradeiras e se um cabello branco devesse ter as honras d'um acontecimento!

Estas coisas contam-se em familia, muito baixinho; e se por acaso ellas nos despertam uma lagrima, trata-se de dissimular cuidadosamente essa lagrima; e se porventura ellas nos provocam uma saudade, envida a gente todos os seus esforços para esconder essa saudade sob o melhor dos sorrisos.

Queres-me bem alegre, leitora? Pois espera um instante, que eu vou já afivellar a mascara do velho Democrito patusco.

Tens muita razão. A Chronica é o espelho da vida, e a vida deve levar-se alegremente, sem preocupações nem cuidados. Aqui me tens a rir; e como entre risos quero conduzir até final esta minha palestra, não te descreverei a hecatombe da Opera-Comica de Paris, com cuja *reportage* as folhas francezas e as gazetas indigenas nos trouxeram toda a semana apavorados.

E' um assumpto em demasia triste, muito mais triste, mesmo, que a historia do meu primeiro cabello branco, do tal, que todas as manhãs se reproduz na superficie lisa do espelho, escarnecendo-me despiadosamente.

Como sempre succede, quando lá fóra um theatro é preza das chammas, conforme succedeu por occasião do incendio do theatro de Nice, e ainda em 1881, quando o fogo destruiu completamente o *Rings-Theater*, de Vienna, sepultando nas ruinas centenas de victimas, a população de Lisboa sobresaltou-se com a catastrophe da *Opera-Comica*, e tornou de novo a notar que as nossas casas de espectáculo não offereciam segurança alguma em caso de incendio.

O paternal governo que nos rege notou o mesmo,

e vae d'ahi, mandou vistoriar os theatros de D. Maria e S. Carlos.

Como eu riria agora de Portugal, do seu governo, das suas vistorias é do seu povo, se não fosse portuguez! Como eu sinto pruridos de metter a rediculo este paiz de rotina e de prudhomia, onde tudo fica em palavras, onde tudo se reduz a farçadas espectaculosas, sem sombra de seriedade e de bom senso!

Lembram-se perfeitamente da impressão causada pelo incendio do theatro de Vienna. A catastrophe foi d'aquellas que ferem no mais intimo o espirito das populações: todo um publico asphixado, calcado a pés, queimado vivo! As illustrações estrangeiras publicaram por essa occasião paginas sinistras: o incendio, o desentulho, os montões de cadáveres entre as paredes desmuronadas e negras!

A semelhança d'agora, Lisboa inteira impressionou-se profundamente. Decretaram-se então para os theatros medidas rigorosas. Fizeram-se vistorias como hoje se fazem. Cada cabeça deu a sua sentença. Em todas as casas de espectáculo se devia proceder a melhoramentos que assegurassem as vidas do pessoal respectivo e do publico contra as contingencias d'um sinistro. Todas ellas deviam estar munidas de candieiros d'azeite, para que os corredores não ficassem ás escuras em caso d'accidente. Prohibiu-se que as platéas tivessem mais cadeiras do que as que comportava a sua lotação. Prescreveu-se muita coisa rasoavel.

E o que aconteceu? Os melhoramentos ficaram em projecto. Nas plateias, extincta a primeira impressão de terror, duplicou-se o numero dos logares e reduziu-se á terça parte a largura já exigua das coxias. Nos corredores appareceram os taes candieiros de segurança, mas appareceram sempre apagados! Não valia a pena accendel-os. Pois que demonio? Por ter ardido o *Rings-Theater*, de Vienna, havia de arder tambem qualquer dos nossos?

Egual consideração se fará agora, não obstante as folhas officiosas do governo declararem que não teremos a epoca lyrica de 88 a 89 em S. Carlos, por causa das grandes melhoramentos a que ali vae proceder-se.

Havemos de tel-a, sim, cara leitora, e tu has-de ir ouvir, sem sombra de receio, a Theodorini d'essa epoca, encontrando o teu t. eatro predilecto nas mesmas condições em que hoje o encontras.

Se houver incendio, morreremos ambos, morreremos todos, fatalmente, mas embalados pela musica estonteadora da «Gioconda».

Tão bom, morrer assim!

SANTILHANA.

ESPLENDIDA

E' esplendida! Tem negros os cabellos, como a noite das almas condemnadas; a altivez das mulheres diademadas, de antigas castellãs em seus castellos...

Quando, na igreja, fita os olhos bellos do seu missal nas paginas lavradas, fremem na sombra, estaticos de vel-os, do austero templo as gothicas arcadas...

De noite, no conchego de seus ninhos, pipilam docemente os passarinhos, se o rosto assoma aos vidros da janella.

Quando passa na rua, as creancinhas ajoelham no chão, pondo as mãosinhas murmuram, supplicando, o nome d'ella.

J. DE SOUSA MONTEIRO.

VIDA LITTERARIA

AS MEMORIAS DE MADAME JANKA WOHL E LISZT. — UM CORRECTIVO PICANTE. — OPINIÕES SOBRE GEORGE SAND E ALFREDO DE MUSSET — LISZT E A DAMA DAS CAMELIAS.

(Paulo Giniaty)

Liszt, fallecido o anno passado, depois de uma ultima viagem a Paris, onde o célebre *virtuosi*, que adorava a gloria, veio procural-a ainda uma vez em todo o seu radioso fulgor, teve em toda a sua vida um cortejo de admiradoras.

Liszt foi um dos homens que melhor conheceu a inebriante doçura dos louvores femininos. Estes louvores saboreou-os elle melhor do que ninguem, colhendo, quasi sem reserva, as homenagens da adulação exaggerada até ao fetichismo.

O pianista permittia que as suas fieis o recebessem em um *boudoir* tapetado de rosas desfolhadas.

Quatro afamadas bellezas de uma côrte allemã, retrataram-se em attitude de cariatides, tendo sobre a cabeça o busto de Liszt.

No seu regresso a Pesth, o ditoso recebeu, sem protesto, os brindes das damas da aristocracia hungara, que quizeram mobilar-lhe o quarto.

A philosophia de Liszt tinha por norma, a despeito do capricho que o instigou a tomar ordens sacras, acceitar tudo, desde o presente mais valioso até a lisonja menos verosimil. O seu apparente desprezo pelos gosos da terra não excluia, na pratica, a delicia sybaritica em que elle se lhe abandonava.

Não será esta, em resumo, a verdadeira sabedoria?

*

Madame Janka Wohl foi uma das inseparaveis amigas da velhice de Liszt. No culto universal, celebrado em honra do feliz, era ella uma das sacerdotizas mais invejadas, desfructando a regalia de ver todos os dias o idolo e de ser investida na prerogativa de sua secretaria particular.

Janka Wohl propozera-se biographal-o e Liszt acceitara, encantado. Juntos, reliam as noticias que diziam respeito a Liszt, corregiam-as e o grande homem preparava, auxiliado pela sua devotada collaboradora, a sua toilette para a posteridade.

Durante essas curiosas sessões, Liszt percorreu o livro de Trifonot que descrevia circumstanciadamente a sua ligação com madame d'Agoult, e annotou-o a lapis. O author escrevera ácerca de madame d'Agoult: «que ella era uma belleza perfeita.»

—«Não, escreveu Liszt, ella era apenas bonita.»

Este correctivo é picante e característico.

*

Nas conversações em que o famoso pianista se referia ao passado, as suas opiniões eram, por vezes, originalissimas. Eis, por exemplo, o que Liszt dizia de George Sand:

«Madame Sand enviscava uma borboleta dando-lhe hervas e flores: era o periodo do amor. Em seguida, picava-a com o seu alfinete; então, a pobre debatia-se,—era a despedida, sempre proveniente do homem. Depois, Madame Sand escarpelava-a e empalhava-a para a sua collecção de heroes de romance.»

De uma vez, Liszt fallou a madame Janka Wohl em Maria Duplessis, «a dama das camelias», que em um momento de entusiasmo esteve quasi a acompanhal-o para Weimar.

«Ella era, affirmava Liszt, unica na sua especie. Dumas comprehendeu-a bem; não lhe deu muito trabalho creal-a de novo.

Maria Duplessis era a mais absoluta encarnação da mulher que tem existido na terra.»

*

Liszt alludiu tambem, em uma d'estas conversações, á sua ultima entrevista com Alfredo de Musset. A corrente da vida, tão impetuosa e tão rapida para Liszt, separara-os, e ambos tinham os cabellos grisalhos, quando o acaso os approximou.—«Vi, consternado, disse Liszt, quanto aquella encantadora cabeça envelhecera. O olhar embaciado, o andar vagaroso, não respondendo-se não por monosyllabos. Level-o para minha casa, onde se deixou cair pesadamente em um fauteuil.—«Dá-me de beber, fez Musset.

Offereci-lhe um calice de Bordeus.—«Ah! ainda te contentas com leite!» exclamou, despejando o copo. Em seguida, pediu a Liszt que tocasse. Liszt assentou-se ao piano. Alguns momentos depois, Alfredo de Musset, excitado pela musica, foi accommettido por uma violenta crise nervosa. Ao voltar a si, atirou-se aos braços do artista, fallando em George Sand, como um allucinado, supplicando-lhe que o livrasse de perseguições que inventava, e que julgava verdadeiras. Liszt reconduziu-o a casa, de carruagem. Logo, porém, que saiu do fiacre, em vez de transpor a porta da sua residencia, Musset correu direito a um pequeno café.

*

Mas o seu predilecto assumpto, em que insistia com um orgulho ingenuo, eram as mulheres. Contava como uma cantora, vigiada por um marido ciumento, tinha arrostado tudo para ir vel-o, a Lœwemberg, disfarçada com um trajo masculino.

—«Para estas fantasias arrojadas, affirmava elle, não ha nada como a mulher.—Nunca o homem, nascido para a batalha da vida, terá o supremo desdem do perigo que testemunha a mulher verdadeiramente apaixonada!»

N'estes ultimos annos, Liszt tratava de uma maneira irresistivel, paternal, insinuante todo o pequeno enxame feminino que formigava aos seus pés. Gosava ainda a volupia das lagrimas arrancadas por uma contracção das suas sobrelhas; aspirava, deliciado, o subtil aroma d'essa idolatria.

Um dos seus grandea prazeres consistia em abrir o correio que lhe trazia todos os protestos, todas as ternuras, todas as homenagens. Havia algumas de uma ingenuidade pasmosa. As americanas tambem forneceram, por ultimo, o seu contingente; elegantes de Chicago convidavam-o para as suas *garden parties*, como se não houvesse de permeio o mar a separal-os!

As memorias de madame Janka Wohl são divertidissimas, e constituem um dos principaes elementos complementares para se acabar de conhecer a curiosa figura do mestre hungaro,—que, entre parenthesis, não conseguiu nunca aprender o idioma maggyare.—Nas suas mais impetuosas crises de sentimentalidade, parece que Liszt não perdeu, nem a estranha sagacidade do seu espirito, nem o seu imperturbavel sangue frio, nem sobre tudo a sua refinada e profunda concepção da vida humana.

E' de suppor que Liszt, á semilhança de Goethe, não amasse n'este valle de lagrimas senão uma unica pessoa, a qual pessoa se chamava... Franz Liszt!

Tanto melhor para elle, tanto peor para aquellas que acreditaram o contrario.

GUIOMAR TORREZÃO.

O AUTO DE EL-REI SELEUCO

(DO POEMETO INEDITO—LUIZ DE CAMÕES)

No Oriente, um rei antigamente houvera,
Em cujo coração radiava o brilho,
Que a lua põe ao languido tomilho,
Nas noites virginaes da primavera.

Seguia o humano e generoso trilho
Da san virtude rrectora e austera,
E por dar vida ao coração do filho
Uniu-o á propria noiva, que escolhera.

Drama simples e épico. Entretanto
El-rei D. João, attonito de espanto,
Revê no duro espirito sombrio

De morto pae o thalamo invejado,
E á allusão de Camões, ruge, tomado
D'um odio intenso, inabalavel, frio!

Porto, 1887, maio.

JOAQUIM DE ARAUJO.

O GENERAL CASCAES

E A

SOCIEDADE PHILOMATICA

A indole d'estes artigos não é de critica litteraria. Procuro sobre tudo nos livros que se vão publicando, encontrar os elementos para a historia da nossa época, historia tão descurada, tão abandonada, que não sei como os nossos filhos saberão o que fizemos, e o que fizeram nossos paes. Já hoje bastantes injustiças se commettem por ignorancia de factos que occorreram hontem, e cuja memoria já está apagada. Luctar energicamente contra esse verdadeiro crime, é o meu intento nos artigos da *Illustração Portuguesa*.

Se eu quizesse fazer pois critica litteraria, analysaria com verdadeiro jubilo e com verdadeiro enthusiasmo este livro de versos do sr. Cascaes, onde a par de algumas poesias de não extraordinario merecimento e que deveriam talvez expungir-se do livro, apparecem aquelles encantadores *fastos*, onde ficaram para sempre consignadas as memorias do viver do nosso povo, estudado com verdade, com observação finissima, e tambem as poesias satyricas, e entre as lyricas propriamente ditas, algumas encantadoras, como os *Lindos olhos*, que são de um mimo e de uma elegancia rara.

E uns lindos olhos castanhos
Côr que os iguale, os defina,
Não ha na flôr, ou na planta,
Não ha na pedra mais fina.

Côr modelo de si mesma,
Sua—só, de mais ninguem,
Que a nenhuma se compara,
Os olhos castanhos tem.

Esmalte em azues e verdes,
Luz que nos garços vacilla,
Em olhos pretos dardeja,
Mas nos castanhos scintilla.

Que a dos garços, por mais vaga,
Projecte menos ardor;
Que a dos verdes, por mais rara,
Tenha n'isso mais valor.

Que a dos pretos, porque offende,
Ninguem fite sem respeito.
E a dos azues, mais serena,
De ternura inunde o peito.

Embora que a dos castanhos
Nem despraz por duvidosa,
Nem se estranha por severa,
Nem repelle por fogosa.

Nem por sensual confunde
Como terno, ledo beijo,
Que cede parte e revela
Toda a escala do desejo.

Oh! lindos olhos castanhos
Proclamem-se uma mil vezes;
Havel-os, não ha mais bellos
Não os ha mais portuguezes.

Podiamos citar ainda a historia rimada do desacato de Santa Engracia, etc. Vamos porém ás notas que já explorámos para a biographia de Constantino, e onde vamos encontrar agora preciosos elementos para a historia d'aquella sociedade philomatico-escholastica portugueza, que tantos serviços prestou aos talentos que brilharam na geração anterior á nossa.

A Sociedade Escholastica-Philomatica foi fundada em 1839 pelo sr. dr. Thomaz de Carvalho, ainda vivo felizmente, e cujo luminoso espirito esperamos que se conserve ainda por largos annos entre nós; pelos srs. Joaquim José Vieira de Carvalho, e José Miguel Godinho, já fallecidos. Juntaram-se a estes socios fundadores uns poucos de estudantes e estabeleceram-se modestamente, porque a quota pecuniaria não era grande, n'um modesto 1.º andar da rua da Atalaya.

Constituida a sociedade, tratou de eleger para socio honorario Garrett, Herculano e Castilho, e, como Garrett se mostrasse logo muito affeccionado a este grupo de rapazes, elegeram-n'o por aclamação, em sessão de 24 de outubro de 1839, presidente honorario, e encarregaram uma commissão de lhe ir entregar o diploma.

O sr. Cascaes dá no seu livro uma nota dos socios de cujo nome se lembra. Eram 45, e d'esses estão hoje ainda vivos vinte.

E' curioso ver o destino diverso que seguiram esses homens, que ha perto de cincoenta annos se reuniram para se estrear na vida litteraria, promettendo talvez uns aos outros acompaña-

rem-se sempre. Dou a respeito dos que conheço as indicações a que me refiro. Adiante dos nomes que não conheço, porei um ponto de interrogação.

Comêço a chamada:

«Agostinho Vito Pereira Merello»—Corretor de leilões.

«Antonio da Cunha Souto Mayor»—Visconde de Souto Mayor e nosso ministro em Copenhague e Stockolmo.

«Antonio Ladislau da Costa Camarate»—General

«Antonio Florencio de Sousa Pinto»—General, ajudante de campo d'El-Rei, ministro de Estado honorario.

«Antonio Maria Garcia»—?

«Antonio da Rosa Gama Lobo»—Lente da Escola do Exercito.

«Francisco Maria de Sousa Brandão»—Engenheiro.

«João de Andrade Corvo»—Conselheiro de Estado, ministro de Estado honorario.

«João José dos Santos»—?

«João Correia Ayres da Camara»—Empregado em Coimbra.

«Joaquim da Costa Cascaes»—General.

«Joaquim Thomaz Lobo de Avila»—Conde de Valbom, ministro de estado honorario, ministro em Paris.

«José Eduardo Magalhães Coutinho»—Medico e secretario d'El-Rei.

«José Joaquim de Castro»—Lente da Escola do Exercito, ministro de Estado honorario.

«José Maria Latino Coelho»—Lente da Escola Polytechnica, ministro de Estado honorario, chefe do partido republicano.

«Luiz Augusto Palmeirim»—Empregado superior do ministerio das obras publicas, director do Conservatorio.

«Luiz Ribeiro de Sá»—Empregado na Junta do Credito Publico.

«Miguel Martins Dantas»—Ministro de Estado honorario, ministro portuguez em Londres

«Paulo Midosi»—Advogado.

«Thomaz de Carvalho»—Director da Escola Medico-Cirurgica e enfermeiro-mór do hospital de S José.

Esta sociedade, no anno de 1840, publicou um jornal, que se intitulava o *Cosmorama Litterario*, e de que foi assiduo redactor um irmão de Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, que era muito menos conhecido do que seu irmão, mas que não tinha menos talento. Chamava-se João Maria, e chegou a capitão ou major graduado do regimento de infantaria 16. Morreu bastante novo.

O *Cosmorama* publicou apenas 34 numeros.

Não se podia abusar das bolsas escassas do escasso numero de pessoas que liam periodicos em Portugal. O *Panorama* e a *Revista Universal* monopolisavam a massa principal dos assignantes de jornaes de instrucção e recreio.

O *Cosmorama* tinha de falhar.

Em 1841 a *Sociedade Philomatica* modificou os seus estatutos e tornou-se principalmente uma sociedade de discussão scientifica e litteraria, e onde os socios ensinavam gratuitamente a quem queria aproveitar as prelecções de varias disciplinas.

A pouco e pouco pois a Sociedade foi adquirindo forças, e a 15 de outubro de 1842 celebrou a sua primeira sessão n'uma casa para onde se mudara da rua da Atalaya, e que estava situada na rua de Santa Martha n.º 23. O presidente n'essa sessão foi Sebastião Ribeiro de Sá, que discutiu sobre a *Civilisação pelo christianismo*.

O sr. Lobo d'Avila, hoje conde de Valbom, leu uma memoria contra a pena de morte; o sr. Camarate, hoje general, leu uma memoria sobre a fundição de balas e granadas; e finalmente Cunha Salgado, que morreu coronel de cavallaria, e que n'esse tempo era ainda alumno do Collegio Militar, já ensinava geographia na sociedade Philomatica, e alli exerceu o logar de 2.º secretario, leu uma historia da sociedade. Distribuiu-se um retrato de Mendes Leal, gravado pelo sr. João José dos Santos, e levantou-se a sessão, em que foi proclamado socio protector o famoso Sylvestre Pinheiro Ferreira, que estava então no ultimo periodo da sua vida.

Teve ainda tempo, comtudo, de proteger a sociedade que o elegera seu socio protector, pois que foi a instancias suas que o governo concedeu á sociedade Philomatica o ir ter as suas reuniões para aquella parte dos edificios das secretarias que fica entre a rua Augusta e a rua da Prata, para onde a sociedade se mudou em julho de 1843.

Foi ali que se travou uma famosa questão ácerca de duellos. Defendiam-n'o Daniel Augusto da Silva, irmão do sr. Carlos Bento, mathematico de primeira ordem, Rebello da Silva e Souto Mayor; combatiam-n'o Silva Tullio, Mendes Leal e Sebastião Ribeiro de Sá. O debate era sempre apreciado na *Revista Universal* por Antonio Feliciano de Castilho.

Deu grande importancia a essa questão dos duellos o desafio que houve por esse tempo entre Almeida Garrett e Joaquim Bento Pereira. Almeida Garrett apreciara desfavoravelmente os actos praticados por um regimento, de que o futuro general barão do Rio Zezere fazia parte. Este escrevera para os jornaes repellindo com desprezo as aggressões do grande poeta. Respondeu Garrett com energia vivacissima, e d'ahi resultou um duello á pistola, de que foram padrinhos D. Miguel Ximenes, coronel Do-



MODAS

mingos Pereira de Barros, Antonio Cesar Vasconcellos e José Estevão. Joaquim Bento disparou para o ar, o Garrett incitou-o. Apesar da terminação feliz d'este combate, a questão dos duellos voltou á tela das discussões, e foi debatida calorosamente na sociedade Philomatica. A *Revista Universal* seguiu muito attentamente os debates e apreciava-os. Cita o sr. Cascaes um trecho de uma d'essas apreciações, referente a Daniel Augusto da Silva, que era, com o seu corpinho pequenino, grande defensor dos duellos. «Folgamos, dizia a *Revista Universal*, e sente-se logo no estylo a pena de Castilho, de que a opinião adversa á nossa tenha por si um contendor de tamanha força, porque, se os seus argumentos fôrem, como esperamos, destruidos, fracos recursos poderão ficar no campo da dialectica, aos espadachins. Acabando Heitor, acabou Troia.»

Além da questão dos duellos trataram-se muitas outras na Sociedade Philomatica, taes como a da pena de morte, a da influencia das cruzadas, a da dominação dos Filippes, etc. Era um tirocinio parlamentar que ali se fazia, e em que se manifestaram pela primeira vez talentos notabilissimos, como o de Thomaz de Carvalho, Lobo de Avila, Rebello da Silva, Ribeiro de Sá, o infeliz Frederico de Novaes Corte-Real, que se suicidou na força da vida, Silva Tullio, Joaquim Fradesso, e o proprio sr. Cascaes.

Determinou-se em 1845 que se reservasse todos os mezes uma sessão para leituras em prosa ou em verso. Alli se estreiarão Palmeirim, Lobato Pires—este de certo muitissimo novo—João de Aboim. A sociedade fechou-se em 1846, pelos acontecimentos politicos d'esse anno, e não se tornou a abrir; desempenhou porém um papel importantissimo no nosso meio litterario e politico, e folgamos que o sr. Cascaes reunisse n'uma nota do seu interessante livro os dados que aproveitamos.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 36)

VIII

A doença do conde de Sendim

Voltemos agora ao principio da nossa narrativa, voltemos ao palacio do conde de Sendim, a Buenos Ayres, d'onde sahimos na occasião em que o conde tornava a si d'uma perigosa e longa syncope que pozera em tão eminente risco a sua vida, e que tão grande receio causára aos medicos.

Eliza, a filha do conde de Sendim, e que por morte de sua velha e santa mãe—essa boa e digna mulher que vivera e morrera lá na sua herdade do alto Douro completamente alheia ao mundo brilhante e luminoso onde seu marido, o Fonseca d'outr'ora, hoje mettido no titulo de conde de Sendim e rodeado da dupla aureola de homem publico e de homem rico, occupava tão proeminente logar—viera para Lisboa, para a companhia de seu pae, que, apesar de todo o seu cynismo, não se atrevendo a tel-a em casa, debaixo dos mesmos tectos em que vivia impudicamente com a sua adorada amante, tratára logo de a metter no recolhimento das *Divinas Chagas*, a educar, Eliza, contámos nós, fôrã a toda a pressa chamada a casa, porque seu pae estava em perigo de vida.

Só no mundo, por morte de sua mãe, a unica pessoa a quem adorava, com quem vivera sempre, porque um irmão que tinha fôrã em pequeno para Londres e nem sequer já o conhecia, e porque seu pae, mal apparecia de annos a annos, a fazer-lhe uma visita rapida na sua obscura e pacata herdade do Douro, só no mundo, Eliza, ao entrar no convento das *Divinas Chagas*, affeioara-se profundamente a uma sua condiscipula, a unica grande que lá havia—porque, como explicámos nos primeiros capitulos d'esta nossa historia, o convento, em seguida á aventura amorosa d'uma mestra de piano que fugira com o capellão—ficára muito desacreditado e tinha apenas uma clientella de meninas pequenas, porque muitos paes, apesar de toda a boa vontade de proteger essa casa de educação, recommendada pela fidalguia, não se atreviam a mandar para lá suas filhas mais crescidas, por causa da historia da mestra de piano.

Chamava-se Clarinha, como os nossos leitores devem estar bem lembrados, a educanda do convento das *Divinas Chagas*; tambem já não tinha mãe, como a Eliza; como ella tambem se achava só no mundo, sem affectos de familia, porque seu pae, esse andava lá por muito longe, e só de raras em raras vezes tinha noticias d'elle.

Ambas novas, ambas sequiosas de affeições, ambas isoladas no mundo, onde não tinham ninguem proximo que as amasse, isoladas no convento, onde as pessoas que as cercavam ou eram creanças de cinco ou seis annos, que as não podiam comprehender, ou velhas freiras beatas, completamente alheias ás santas

affeições da familia, Eliza e Clarinha, levadas além d'isso por uma irresistivel sympathia, tornaram-se em breve amigas, amigas intimas, ligadas por uma amizade seria, inabalavel, que a necessidade que ambas tinham de sentir pulsar junto do seu um coração amigo, tornava ainda mais profunda.

A noticia da morte da condessa de Sendim, chegando a Londres, trouxe a Lisboa o irmão de Eliza, esse irmão que ella nunca vira, que conhecia apenas por um retrato tirado ha annos, e pelas cartas que elle lhe escrevia.

Exactamente no dia em que esse irmão, Roberto, o filho do conde de Sendim, que annos antes, quando seu pae fôrã embaixador em Londres, estava na America, e que com o seu regresso a Inglaterra o fez fugir da côrte britannica, obrigando-o a demittir-se, para não fazer encontrada por seu filho a sua amante, que ousadamente deixava passar como condessa de Sendim, quando a pobre e verdadeira condessa vivia ainda na sua modesta herdade do Douro.

Exactamente no dia em que Roberto, diziamos nós, fôrã visitar a Eliza ao convento, fôrã pela primeira vez conhecer pessoalmente essa irmã que nunca vira, e exactamente na occasião em que os dois começavam—atravez das grades da clausura—e sob o olhar severo da madre abbadessa, a fallar de sua mãe, de sua santa mãe, que Eliza tanto chorava, a governante do conde chegára inesperada a buscar Eliza para ir para junto de seu pae, que recolhera do club a casa como morto, e que, ao voltar a si, pediu para ver sua filha.

Foi essa a primeira vez que Antonina se encontrou com Eliza, que se sentiu immediatamente attrahida pela sympathia para a governante de seu pae, sem que, na ingenuidade da sua idade, na innocencia do seu espirito candido, se lembrasse sequer de estranhar que o conde tivesse por governante uma mulher tão nova, tão notavelmente bella, tão vaidosamente elegante.

E mettendo-se no trem com Antonina, apesar de certa reluctancia da abbadessa do convento das *Divinas Chagas*, Eliza partira logo para casa de seu pae.

Ao chegar ao palacio de Buenos Ayres, Eliza encontrou tudo em profunda consternação.

Emquanto Antonina tinha ido busca-la ao convento, o conde de Sendim tivera outra syncope, esta muito mais prolongada ainda que a outra, muito mais grave ainda, e tanto que os medicos, depois de terem recorrido sem resultado algum a toda a therapeutica d'occasião, tinham acabado por declarar-o perdido.

Attonita, aturdida, como que demente, sem perceber nada do que se passava, sem comprehender as palavras sinistras que os criados diziam, os olhares lugubres que trocavam entre si, Eliza, acompanhada de Antonina e de Roberto, foi até ao quarto de seu pae.

No meio do quarto, sobre o leito, o conde de Sendim estava deitado de costas, com os olhos fechados, o rosto coberto d'uma pallidez mortal, o nariz muito afilado, como o nariz d'um cadaver, os braços estendidos, inermes ao longo do corpo.

D'um e d'outro lado da cama, dois medicos, muito graves, muito secos, com os rostos fortemente contrahidos, seguravam nas suas as mãos do conde,—amarellas como as mãos d'um defunto, com as unhas já arroxadas, como se o sangue de ha muito lhe tivesse parado,—e tomaram-lhe o pulso, a vér se por um acaso a vida voltava a pulsar n'aquellas arterias mudas.

Antonina, ao vér o conde assim, afastou violentamente os medicos, lançou-se sobre o corpo inerte do seu amante, e encontrando-o frio, gelido, como um cadaver, exclamou, chorando allucinada:

—Morto!

Eliza, então, teve pela primeira vez consciencia do que se passava.

Mas teve-a para a perder logo.

Comprehendendo finalmente tudo o que havia de terrivel, de tragico, de desolador n'aquella situação suprema, ao ouvir o grito alluceraute da governante, cahiu desmaiada!

Entretanto, a situação não era tão tragica como Antonina a julgava, tão desesperada como os medicos a faziam.

Um dos medicos lembrou-se, como ultimo recurso a tentar, dos choques electricos, e mandou buscar um aparelho Negrette.

O aparelho chegou, os medicos deram o choque ao conde de Sendim, que permanecia ainda immovel e inerte, e a electricidade produziu logo os seus efeitos.

O enfermo abriu os olhos, voltou lentamente a si, sem consciencia do que se tinha passado.

E pouco a pouco o sangue começou a cobrir as faces cadavericas do conde de Sendim, e a esperanza a entrar na alma de Antonina.

Os medicos, esses não ficaram muito esperançados ainda, mas em todo o caso reconheceram o que era evidente, que o perigo de momento estava conjurado por enquanto.

O doente estava muito grave, aquellas syncopes, de que não sabiam ao certo a causa principal, assustavam-os e podiam determinar d'um momento para o outro um desenlace fatal.



A PRINCEZA D. AMELIA E O PRINCIPE DA BEIRA

D'esta vez o perigo passára: mas as syncopes podiam repetir-se e o perigo voltar implacavel.

Entretanto, o essencial agora era o doente descançar, dormir, readquirir forças, e appellar para a natureza, visto que, á falta de indícios seguros, a sciencia não sabia bem para que appellar.

E os medicos, depois de terem animado com uns ditos alegres o doente, depois de terem soccorrido Eliza, de, por meio d'uns reagentes seguros, a terem feito voltar a si e de, graças a um calmante forte, a terem feito adormecer n'um somno profundo e reparador sobre o leito da governante, retiraram-se.

Antes de sahirem, porém, á porta da rua chamaram Roberto, o filho do conde, expozeram-lhe claramente todos os receios graves que tinham acerca do estado de seu pae e recommendaram-lhe que, no caso da syncope voltar, lhe applicasse immediatamente o choque electrico e os mandasse chamar a elles, fosse a que hora fosse da noite.

(Continúa)

GERVASIO LOBATO.

A FOLHA DE HERA

Era meia noite quando Antonio de Castro entrou no baile dos marquezes de V.

Apenas passado o vestibulo do palacio, penetrava-se n'um vasto quadrado, rodeado de uma arcaria de marmore de Carrara e tendo no centro um tanque d'onde jorrava um repunho, em que as luzes punham mil reflexos scintillantes. Em torno do tanque desabrochavam as mais bellas e raras plantas, e das arcarias pendiam gaiolas douradas, onde pipillavam alegremente passaros africanos. Em volta havia flaccidos divans orientaes, onde alguns grupos, sentados, conversavam.

Antonio de Castro ia profundamente melancolico. Impresão extraordinaria, que só sabem avaliar aquelles que a tem sentido:—n'um baile, entre as scintillações das luzes e o brilho das joias, no meio de mulheres formosas, cuja belleza natural é realçada pelo luxo das *toilettes*, ouvindo na orchestra o rythmo vivaz de uma valsa de Strauss—o nosso espirito achar-se triste, de uma tristeza irresistivel e sincera. Contraste flagrante, e tantas vezes verdadeiro.

Mas Antonio de Castro penetrára no salão denominado pela marquezia — o salão dos seus passaros — aproximou-se de um amigo, o seu intimo, e chamando-o de parte, perguntou-lhe, rapido:

—Está cá a Bertha?

—Está—respondeu o amigo, com um ar consternado.

—E que tem feito?—interrogou Antonio, ancioso.

—Ora—retrucou-lhe o amigo—o que tem feito?! Tem dançado e —accentuando a phrase com intenção e com tristesa—tem conversado muito com o novo visconde, o Luiz de Mello.

Antonio de Castro empallideceu, e lançando os olhos para o largo crystal polido, que se destacava na parede que dava para o salão de baile, viu, n'um relance, entre os pares que perpassavam rapidos no rodopio da valsa, a figura gentil de Bertha da Cunha, como que dependurada do hombro de Luiz de Mello e levada tambem na vertigem da dança...

De um dos grupos que estanciavam perto d'elle, nos divans, uma voz argentina o chamou de repente, fazendo-o sahir da sua dolorosa *rêverie*.

—O' sr. Antonio de Castro, que faz ahí tão melancolico que parece um cypreste? Venha dar uma volta de valsa.

—A's ordens de v. ex.ª, minha senhora—respondeu Antonio, que se approximára.

E, dando-lhe o braço, lá foram os dois para o salão de baile.

O par de Antonio de Castro era Luiza de Sousa, uma travesa e bulhosa morena, a quem Antonio fizera a côrte, n'outros tempos, em Cascaes, n'um verão, com a despreocupação d'uma simples *flirtation*, boa para as partidos de *croquet* no Sporting. No entanto Luiza parece que não havia encarado as coisas do mesmo modo e nunca perdoára a Antonio de Castro o seu arrefecimento e a sua indiferença subsequentes para com ella ao mesmo passo que se mostrava cada vez mais apaixonado por Bertha da Cunha, intima amiga de Luiza, e por isso a sua mais implacavel rival.

Terminada a valsa abriu-se o *buffete*. Uma onda de pares, anciosa de gelados, invadiu logo a sala onde elle se achava disposto. Antonio de Castro ali conduziu o seu par, mas bem pouco lhe importava a elle a irrequieta e constante *babillage* de Luiza de Sousa: os seus olhos estavam cravados sobre Bertha da Cunha que, a distancia, examinava um quadro de Corot, dando o braço a Luiz de Mello.

Luiza não perdia nem um dos movimentos de Antonio, e cada vez era maior a sua sede de vingança, até que, afinal, se resol-

veu a dar-lhe o *coup de grace*, e então, distrahidamente, brincando com os treze aros de prata, que destacavam sobre a luva *gris-perle*, de oito botões, perguntou-lhe:

—Já sabe a novidade da noite; sr. Castro?

—Eu não, minha senhora, acabo de chegar...

—Pois eu lh'a dou.—E accentuando perfidamente a phrase:

—E' amanhã pedida em casamento, pelo visconde de Mello, a minha amiga Bertha da Cunha.

Antonio de Castro mal pode murmurou um *sim?*... meio surprehendido, meio aniquilado...

N'este momento Bertha chegara ao pé de Luiza e dizia-lhe:

—Então por onde tens andado? Estou cançada de te procurar.

E voltando-se para Antonio de Castro, estendeu-lhe a sua fina mão, que parecia feita de lyrios.

—Como está, sr. Antonio de Castro? Ainda esta noite não tive o praser de o ver!

E depois, sorrindo-se maliciosamente, accrescentou:

—Tem por ventura andado os dois a conspirar?

—Não, minha senhora—respondeu Antonio, friamente—eu não conspiro, e muito menos atração ninguém.

Bertha corou levemente.

Antonio proseguiu, quasi glacial:

—Acabava de chegar havia momentos, quando a sr.ª D. Luiza teve a ambilidade de me convidar para uma volta de valsa, e não tinha tenção de me ir embora sem me despedir de v. ex.ª e lhe pedir as suas ordens para o estrangeiro...

Bertha interrompeu-o:

—Pois que, parte?

—Parto sim, minha senhora, parto amanhã. Não sei ainda bem até onde esta viagem me levará, mas sei que me trará alguns annos afastado de Portugal.

Bertha estava branca de neve, tão branca como o seu transparente vestido de *gaze*. As mãos tremiam-lhe, e a colher, em que ia a levar aos labios o gelado, cahira-lhe no chão.

Ficou assim alguns minutos, e de repente, resoluta, disse baixo para Antonio:

—Não parta. Fique.

E deu-lhe uma folha de hera, que arrancara, com mão convulsa, da grinalda natural e viridente que lhe cingia o corpete.

—Cumprerei as ordens de v. ex.ª—murmurou Antonio profundamente commovido.

* * *

Bertha da Cunha era filha dos condes de S., familia de nobilissimos pergaminhos, mas cujos bens de fortuna tinham sido extremamente reduzidos pela prodigalidade do pae do actual conde.

Bertha era o enlevo de seus paes, que se reviam n'ella orgulhosos, e tinham razão para isso. Não era uma belleza correcta, como uma estatua antiga, nem tinha a bella carnação e a vida exuberante d'uma figura de Ticiano; mas que physionomia tão doce a sua, tão insinuante e tão sympathica, que figurinha tão *mignonne* e tão gentil! A sua pelle lactea tinha uma tal transparencia que sob ella se percebiam perfeitamente as finas veias azues. Nos seus olhos grandes, tranquillos e meigos, havia a suavidade ineffavel d'um lago crystallino beijado pelo clarão do luar. O seu cabello castanho claro cahia-lhe sobre a testa em pequenos caracolinhos naturaes, d'uma graça e d'um encanto indefiniveis. Parecia a encarnação viva d'uma d'aquellas deliciosas figuras dos romances de Dickens, ou o original encantador d'alguuma d'aquellas aristocraticas *misses*, que immortalisou na tela o pincel delicado e macio de Van Dick.

Nada de petulante, d'*espigle*, de travesso na sua pessoa: a bondade, a meiguice, a fina distincção do porte e a suave alegria da innocencia eram os adoraveis attractivos de Bertha.

Antonio de Castro amava-a loucamente. Nunca lh'o disséra, porque as raparigas como Bertha não são d'aquellas ás quaes um homem facilmente faz uma declaração d'amor. Recua-se perante a calma ingenuidade que lhes transluz no semblante.

Affigura-se uma profanação ir macular o sanctuario d'aquellas almas virginaes com a confissão repentina e violenta dos nossos sentimentos.

Comtudo, elle tinha por ella um culto fervoroso: e a sua doce imagem occupava constantemente o seu espirito. Bertha não o ignorava completamente. Antonio de Castro não lhe dissera nada, é certo, mas os seus olhos tinham fallado, e os olhos de Bertha mais d'uma vez lhe tinham respondido.

Antonio de Castro era orphão de pae e mãe. Seu pae, velho ministro de D. Pedro IV, morrera pouco depois da victoria das idéas de que fôra, a um tempo, o soldado e o apostolo. Sua mãe finára-se havia annos, victima d'uma lesão de coração.

Antonio ficára com alguma fortuna: o bastante para ter garantida a sua independencia. De resto, era um rapaz de talento, assim o tinha affirmado na Universidade, onde se formára em direito, e nas letras que cultivara com successo. Tinha, portanto, deante de si um futuro sorridente e auspicioso.

No entanto os paes de Bertha, que percebiam a inclinação da filha para Antonio, não viam n'elle a realisação do seu ideal

para genro. E não censuremos por isso os pobres velhos! A elles, a sua Bertha parecia-lhes a mais bella, a mais encantadora das mulheres, e sonharam para ella um marido, que lhe trouxesse, com a maxima opulencia, a mais culminante posição na sociedade.

Se ella podesse casar com o rei, elles queriam-na rainha!

Antonio de Castro era um excellente rapaz, mas não correspondia cabalmente ás ambições, no fundo louváveis, dos condes de S.

Luiz de Mello, o novo visconde de Mello, esse já agradava mais aos paes de Bertha. Era millionario. Seu pae, um velho diplomata portuguez, casara na Allemanha com uma senhora d'uma familia principesca e possuidora d'uma avultadissima fortuna, e d'essa senhora tivera aquelle unico filho.

Luiz fôra educado em Heidelberg, depois estivera addido á nossa legação em Paris, onde então o pae era nosso ministro, e por morte d'este viera para Portugal. Tinha toda a elegancia e o *savoir vivre* d'um parisiense, mas não tinha talento. Em compensação, para os paes de Bertha, elle possuia os milhões da princeza germanica. E os pobres velhos esqueciam-se de tudo o resto, das suas proezas d'estroina em Paris, dos seus amores escandalosos com a primeira bailarina de S. Carlos, para só se lembrarem de que elle podia trazer á filha todas as pompas e todos os esplendores d'um nome illustre e d'uma enorme fortuna.

Era, por isso, com verdadeiro alvoroço que os condes de S. esperavam, no dia seguinte ao do baile dos marqueses de V., a visita da mãe de Luiz de Mello, que vinha pedir para a filha a mão de Bertha.

Esta, prevenida pelos paes, fechara-se desde manhã no seu quarto, hesitando—a pobre rapariga!—em desfazer, com uma só palavra sua, a sincera e effusiva alegria dos bons velhos! Mas não era possível: na folha de hera que ella havia dado a Antonio de Castro estava d'ora em diante a sua divisa: *je meurs ou je m'attache*.

A' uma hara da tarde chegou a velha viscondessa de Mello. Era uma senhora alta, secca, com um ar distincto mas *raide*.

Recebida com toda a cordealidade pela condessa de S., a viscondessa de Mello fez solememente o seu pedido.

A condessa declarou, jubilosa, que veria com o maior prazer essa união; todavia cumpria-lhe mandar chamar Bertha para a consultar. A viscondessa meneou gravemente a cabeça, com um movimento approvativo.

A condessa pôz o dedo no botão da campainha, e pouco depois appareceu um escudeiro, a quem ordenou:

—Diga á sr.^a D. Bertha que lhe mando pedir para vir á sala.

D'ali a pouco entrava Bertha. Vinha muito pallida, e o seu rosto delicado e diaphano tinha um grande ar de funda tristeza mas de inabalavel resolução. Vinha toda vestida de preto.

Comprimentou com a sua habitual gentileza a viscondessa de Mello, deu um beijo na testa da mãe, e sentou-se, esperando o terrivel momento em que teria de definir a sua posição.

A condessa começou então, com um largo sorriso de felicidade desabrochando-lhe nos labios, e com uma voz grave:

—Minha filha, a sr.^a viscondessa de Mello vem pedir a tua mão para seu filho. Não te occulto que tanto eu como teu pae damos, com todo o prazer, o nosso consentimento para essa união. No entanto, queremos que a sr.^a viscondessa oiça da tua propria bocca a resposta que das ao pedido de que seu filho a encarregou.

Bertha respondeu, com uma voz firme:

—Sinto, minha mãe, ter que lhe dizer que não posso casar com o sr. visconde de Mello. Acho-o muito estimavel e muito sympathico, mas o meu coração já me não pertence, e, portanto, é tarde para d'elle dispôr livremente.

A condessa succumbira debaixo do peso de tão inesperada revelação, e a mãe de Luiz de Mello olhava Bertha entre admirada e reprehensiva. Bertha ficára impassivel.

Houve um momento d'um silencio absoluto. A viscondessa, afinal, levantou-se, e disse com uma voz severa e despeitada:

—Bem: a minha missão está cumprida.

—Perdão, minha senhora—atalhou a condessa, que recobrou forças—V. ex.^a ha de fazer-me a fineza de me ouvir ainda.

E voltando-se para Bertha:

—Minha filha, póde recolher-se ao seu quarto.

Bertha levantou-se com toda a serenidade, fez uma ligeira venia, e saiu.

Então a pobre mãe rebentou em lagrimas e soluços. Pediu mil desculpas da resposta da filha, e procurou convencer a viscondessa de que era uma leviandade, um capricho de rapariga, que havia de passar.

A mãe de Luiz de Mello combinou em esperar, a ver se Bertha mudava de pensar, e retirou-se, deixando a velha viscondessa n'um estado de profunda consternação.

Nada mais dilacerante e mais incomportavel do que a situação em que Bertha ficou.

Os pobres paes, coitados, entristeceram de todo, e, se a não reprehendiam com palavras asperas que eram improprias d'elles, já não tinham para com a sua Bertha aquelles extremos de carinhosa ternura, em que d'antes se desvelavam. E com toda a finura, com a mais primorosa delicadeza, não perdiam ensejo de significar indirectamente á filha, que esta lhes déra um fundo desgosto.

Imaginem o tormento da pobre rapariga, que estremecia aquelles bons paes com toda a devoção da sua alma candida e amavel, e quanto seffreria ella quando, ao entrar de improviso na sala, tantas vezes surprehendia a velha condessa, com as mãos caídas no regaço, o *tricot* abandonado, a cabeça melancolicamente pendida sobre o peito, e duas grossas lagrimas deslisando-lhe lentamente pelas faces pallidas.

Bertha, em mais d'um momento, quasi succumbiu ante aquelle quadro que tanto fazia padecer o seu affecto filial. Mas aquellas palavras trocadas com Antonio de Castro no baile dos marqueses de V., aquella folha de hera, que se transformara já agora no symbolo da sua vida, no guia dos seus destinos... tudo isto a fazia cobrar animo, sentir alento para se manter fiel ás suas promessas e ao seu sentimento. Havia uma tempestade varonil no character d'aquella rapariga tão delicada e tão meiga, em cujos olhos avelludados Antonio de Castro entrevira a suprema felicidade.

Não era a fortaleza moral que lhe ia faltando, não; os animos d'aquella quilate mais e mais se depuram e fortalecem passando-os pelo cysol dos mais acerbos soffrimentos. Era a saude, o vigor physico, que lhe iam minguando. Dia a dia definhava visivelmente; os seus bellos olhos, tão idealmente profundos, perdiam o doce brilho que outr'ora os illuminava; as faces, de ordinario d'uma pallidez mate, avermelhavam-se agora, durante certas horas, com umas rosetas carminadas, indicio infallivel de agitação febril; uma tosse persistente e secca quasi lhe fazia estalar o peito...

Decidamente aquelle fragil corpo não podia com aquella alma heroica!...

—Acho inconveniente que a sr.^a D. Bertha passe este inverno em Lisboa—dissera um dia o medico, em tom solemne, aos paes que, sobresaltados, o interrogavam sobre o estado da filha querida.

E n'um dia triste de outubro, em que um céu pardacento reflectindo se na larga bahia do Tejo, lhe dava um aspecto melancolico quasi funereo, embarcavam a bordo do vapor que seguia viagem para a Madeira, os condes de S. e sua filha.

Bertha ia extremamente abatida, mas não queria recolher-se ao beliche, e persistia em conservar-se na tolda, olhando fixamente para a sua querida Lisboa, onde ficavam, com o seu primeiro amor, as suas ultimas alegrias.

Acabara de largar o vapor e ainda Bertha fitava a cidade, quando de repente, n'um relancear de olhos, avistou n'um bote, ao longe, procurando seguir o vapor, um vulto, que ella reconheceu immediatamente, acenando muito com um lenço.

Era Antonio de Castro, que viera dizer-lhe adeus—quem sabe se pela ultima vez.

N'um dia claro e limpido de primavera, em que um sol radioso salpicava de reluzentes lantejoulas a superficie movediça do Tejo, entravam a barra de Lisboa Bertha e seus paes.

Poucas ou nenhuma melhoras colhera a enferma durante a sua estada na ilha. Vinha no mesmo abatimento, immersa na mesma tristeza, com a mesma tosse, o mesmo fastio, e os accrescimos repetiam-se todos os dias, fatalmente, com a implacavel regularidade de um pendulo.

Os paes vinham afflictissimos. O velho doutor P.—eminente clinico e antigo amigo da familia—disse-lhes um dia em tom austero:

—Eu não sei curar estas molestias. Eu trato de corpos enfermos não trato de corações apaixonados. O remedio está nas mãos de v. ex.^{as}...

—Nas nossas, doutor?!—perguntaram, admirados, a um tempo, os dois velhos.

—Nas de v. ex.^{as}, sim... Casem-n'a, casem-n'a quanto antes e com o demonico por causa do qual ella tanto tem soffrido—acrescentou o medico, sorrindo-se.

Os condes abraçaram com alvoroço o alvitre do doutor. E dentro de oito dias, era solememente contractado o casamento de Bertha da Cunha com Antonio de Castro.

N'esse dia Bertha, com a pbsionomia radiante de felicidade, com o seu vestido de *faulle* côr de rosa, do qual a pallidez das suas faces destacava com a brancura perfumada d'um jasmim do Cabo, dizia meigamente a Antonio de Castro, sentado ao lado d'ella no sofá da sala:

—Olha, Antonio, aqui tens esta medalha. Tenho-a usado sempre, e nunca me esqueci de ti. A palavra que ahí está escripta quero que te lembre a minha dedicação. E deu-lhe uma larga me-



CONSTANTINOPLA

dalha de oiro fosco, sobre a qual sobresahia, em letras de oiro brilhante, esta palavra—*remember*.

—Dentro d'essa medalha quero que guardes a folha de hera que te dei no baile dos marquezes de V.—o meu ultimo baile de solteira—acrescentou Bertha. —Essa folha será o symbolo da nossa felicidade conjugal.

CARLOS LOBO D'AVILA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

(A Ariezilo e Oruol)

O filho de Jacob manda parar o sacerdote.—2—1
Com esta medida zombo das solemnidades.—3—2.
O homem reproduz este instrumento—2—3.
A quarta nega que valle vinte réis—1—1.
Nota que a ave é ave—1—2.
A interjeição aperta o cabresto—2—2.
O insecto zombava da permuta—3—2.
Procura um rio para teres uma ave—2—2,

Porto

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

CHARADAS EM VERSO

(A A. R. Brançal)

A minha primeira parte
Em ti proprio has de achar;—1
A segunda, que diff'rençal
E' coisa muito vulgar—2.

O que o todo quer dizer,
E' bastante p'ra temer.

Castello Branco

SERINGAÇOR.

Sempre te quero narrar,
Seraphim!...
Tambem o ouvi contar,
Era assim:—
No meu quintal eu plantei—2
Uma rosa;—1
Certa planta arrecadei,
Primorosa!...

Covilhã

A. R. BRANÇAL.

Logogriphos

(Dedicado a todos os charadistas da Illustração)

No ponto em que este rio entra no mar—3, 12, 11, 2
Fluctuava um navio desarvorado;—9, 13, 4, 12, 11
A corrente, em medonho murmurar,—6, 7, 10, 13, 2
Quasi tinha o navio sepultado.—4, 13, 12, 5, 8

Porém, o grande Deus Omnipotente
Os naufragos do pelago salvou,
E a embarcação correu rapidamente
A' cidade russiana, onde arribou.

Porto

CLUB DOS PUNHAES DE PRATA.

Premio:—O *Anti-Christo*, por Gomes Leal, a quem p primeiro me enviar a decifração para Castello Branco

Bons charadistas! Eis de Deus o nome, 13, 4, 4, 13, 9
Que na mythologia é celebrado, 13, 8, 2, 1, 4, 4

E pode acreditar ver uma praga, 8, 6, 13, 3, 13
Todo o que este animal tiver achado. 13, 4, 1, 7, 5, 13, 12, 4, 6
O que, com attenção, vir uma estrella, 13, 4, 4, 7, 2, 12, 9
E o que achar uma planta, não vai mal; 13, 4, 1, 10, 13, 6, 10, 13
A sciencia da razão pode saber, 8, 9, 7, 4, 4, 11, 2, 8, 9, 10, 13
Se ás garras escapar d'um animal, 5, 13, 12, 4
Affirmo que irá ver esta cidade 8, 4, 6, 12, 2
Ou villa cá do nosso Portugal; 2, 6, 10, 4, 4, 4, 13
E chegando a passar por esta villa. 1, 13, 3, 2, 11
Verá uma medida muito usual. 1, 10, 12, 6, 4

CONCEITO

Todo o que mata gente, é—assassino;
Quem rouba aves ao campo,—caçador;
E o que mata uma cousa que não digo,
Que nome deve ter? Diga, senhor!!!

ANTONIO RODRIGUES BRANÇAL.

Decifrações

DA CHARADA:—Mansarda.
DO ENIGMA:—Barra
DO LOGOGRIPHO SONETO.—Cicuta.
DA CHARADA DO n.º 45:—Laranja.

*

A decifração da ultima charada novissima do n.º 45, é Opa e não Apa.

A RIR

Calino lia todos os dias as noticias de casamentos.
Um dos seus amigos, perguntou-lhe o motivo porque se entretinha com tal leitura.
—E' para ver se se casam mais homens que mulheres.

*

N'um restaurant, um creado entorna uma tigella de caldo em cima das calças d'um sujeito. Este exaspera-se e o criado replica-lhe socegadamente:
—Não faz mal. São 7 e meia, e depois das 7 horas o caldo cá de casa não prega nodoa.

*

Um sujeito de 56 annos casou ha dias com uma menina de 22.
Finda a cerimonia, partiram os noivos para Cintra, acompanhados da madrinha, senhora de 50 e tantos, e da irmã da noiva, menina de 18, alojando-se todos n'um dos melhores hoteis.

Mandaram preparar dois quartos, e quando o creado lh'os veio indicar, disse:
—Este quarto é para as meninas e este é para os senhores.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA DE ANILINA INALTERAVEL

Juntam-se a uma mistura de 60 gotias de acido chlorydrico concentrado e 24 grammas de alcool. 4 grammas de negro de anilina, obtendo-se um liquido azul intenso, que se junta a 100 grammas de agua, contendo em dissolução 6 grammas de gomma arabica.

Esta tinta não ataca as pennas, resiste ás lixívias mais fortes e á acção dos acidos mineraes concentrados.

AS NOSSAS GRAVURAS

VILLA DA TORRE DE MONCORVO

Esta villa, da provincia de Traz-os-Montes, está edificada nas faldas do monte Roboredo, em situação pouco elevada, mas dominando um dilatado valle, que os rios Douro e Sabor limitam pelo sul e noroeste. O Douro corre a uma legua de distancia e o Sabor a pouco mais de meia.

A fundação d'esta villa data do seculo XII ou XIII. Teve principio em uma torre que, para sua morada e segurança, ali edificou um tal Mendo ou Mem Corvo, e para junto da qual os aldeões pobres, que viviam nas circumvisinhanças, foram mudando pouco a pouco as suas choupanas.

Passado tempo, a povoação augmentou á custa da villa de Santa Cruz, que ficava a uma legua de distancia, porque o sitio era doentio, e falto de agua, e ali não só havia ares salubres, mas abundancia de agua, e excellentes terrenos para cultura.

A villa de Santa Cruz caiu em ruinas; e a nova povoação começou a chamar-se Torre de Mendo Corvo, ou de Mem Corvo, e depois Moncorvo.

El-rei D. Diniz fez villa a Torre de Moncorvo, e concedeu-lhe foral com differentes privilegios, um dos quaes era que os devedores, que se acolhessem aos seus muros, não podessem ser executados.

Reconhecendo-se o quanto os seus campos eram apropriados a cultura do linho canhamo, foi esta producção ali introduzida, e levada a grande ponto de desenvolvimento pelo governo. Constituíram-se vastos armazens para o preparo e arrecadação do canhamo, que depois vinha para a real cordoaria de Lisboa.

Os suburbios da villa são formosos e pittorescos.

O seu clima, posto que seja excessivamente rigoroso no verão, com o calor, e no inverno com o frio, é muito sadio.

MODAS

Damos hoje, em gravura, dois elegantes figurinos ultimamente chegados de Paris, que por certo serão recebidos com agrado pelas nossas leitoras, embora este semanario não seja positivamente um jornal de modas.

O primeiro figurino representa um mantilete de tule bordado a contos, com mangas em dragonas. «Plastron» de surah da mesma côr do forro, enfeitado na frente com um bofe de renda concheado. Golla de contos por cima do «plastron». Capota de «jais», de aba levantada na frente, guarnecida de um fio de perolas. Cocar de plumas no alto do chapéo.

O segundo é um «corpete hussard» de lã lisa guarnecido de galões e botões de passamantaria. Golla á militar, dragonas de passamantaria; mangas chatas. Chapéo «paillason» redondo, levantado na frente, e enfeitado com um laço no meio da aba.

E já que fallamos de modas, ahí vão algumas noticias sobre o assumpto:

As modistas parisienses propõem-se fazer reviver o genero directorio, que poucas senhoras poderão usar com vantagem.

Tambem se usam os vestidos á Luiz XV e Luiz XVI, mais ou menos recamados de galões de prata e de aço.

Estão apparecendo alguns chapéus redondos enfeitados com molhos de flores e fructos, que passam sobre o alto da copa, vindo a guarnecer a frente do chapéu.

Os «pardessus» usam-se cada vez mais pequenos, assimilando-se antes a uma profusão de rendas, fitas e contos, do que a um abrigo.

Por ultimo, dar-lhes-hemos a descripção d'algumas *toilettes* profundamente parisienses:

Toilette de recepção: Vestido de faille francaza cinzento claro e cinzento escuro. Primeira saia clara, com desenhos de xadrezes feitos com uma applicação de galões. Segunda saia apanhada, metade clara, metade escura. «Draperie», na frente, clara; e da parte inferior fórma puf, apanhado em «cascades», forrada de faille clara. A junção é feita por uma charpa de fita, atada a meia saia.

Corpete liso, escuro, abotoando em baixo e abrindo sobre um collete de piqué branco, com golla que cruza ao abotoar. Rebuços claros, com xadrezes de galões. Mangas de tufos, cingidas a meio braço por um bracelete, e guarnecidas em baixo por um quadrado. Para fazer esta toilette são precisos 12 metros de faille claro e 9 escuros.

«Vestido elegantissimo para campo em lã lisa»: Saia redonda, cortada ao lado por um panno de foulard. Uma «draperie», apanhada aos lados, forma ponta na frente e puf atraz. O corpete, justo, é franzido na frente, e abre sobré uma camizinha de foulard armada em rufos. Duas applicações de passamantaria e contos de

«jais» enfeitam os dois lados do corpete, que termina em bico. Mangas de foulard, com canhões de passamantaria.

A PRINCEZA D. AMELIA E O PRINCIPE DA BEIRA

Demos em tempo o retrato da princeza D. Amelia, quando ella era ainda noiva: damo-l'o hoje, novamente, depois de ser mãe, acompanhado do retrato de seu filho, o pequenino e formoso principe da Beira.

A nossa gravura é copia d'uma bella photographia da casa Fillon, tirada recentemente.

CONSTANTINOPLA

Debruça-se no Bosphoro e remira-se no espelho crystallino das aguas, a formosa Stambul. E' um macisso formado por casas innumeraveis, pintadas de todas as cores, em amphitheatro, parecendo, a distancia, que se firmam e apoiam umas nas outras, sendo a maioria d'ellas cercada de arvores e formando, por assim dizer, um ramo de verdura.

Stambul, com o seu vasto serralho, com os zimbórios das suas mesquitas mais imponentes e com as mais esbeltas flechas dos seus minaretes é uma cidade dupla, uma brilhante cidade de madeira para os homens, uma cidade de pedra, magestosa, para Deus.

Fica na margem esquerda do Bosphoro. Em frente, na margem direita, os arrabaldes de Top Khana e de Galata, susteem Péra, que, os corôa a ambos: Top Khana, cidade turca e militar, guardando com os seus canhões a entrada do porto, que domina do outro lado a artilheria do serralho; Galata, cidade européa e commercial; Péra, européa ainda, mas diplomatica, séde de todas as chancellarias, Eldorado de todas as intrigas, semelhante a uma ave de rapina, no alto do seu ninho, cançada de olhar Stambul com olhos de inveja e de cubiça.

Tal é a entrada e a parte mais bella do Bosphoro, a que, por um effeito feliz da sua curvatura, primeiro se apresenta aos olhares de quem chega por mar diante de Constantinopla. Então, o conjuncto de quanto se abrange com a vista é de um aspecto maravilhoso.

Stambul, Top Khana, Galata e Péra, que parecem uma cidade só, compõem todas quatro, em volta de uma vasta bacia liquida, arredondada, um amphitheatro immenso e profundo de altas collinas carregadas de casaria, que vão descendo até banharem seus pés nas ondas, e coroadas de templos que erguem para o céu as cupulas scintillantes e os longos braços, sempre em oração, dos seus minaretes aereos.

Mais adiante, quando, no meio da maior admiração do viajante, o navio que o leva se introduz n'este amphitheatro, á primeira vista impenetravel, o Bosphoro continua a serpear, contornando uma serie de saliencias naturaes menos pomposas, mas semper arrebatadoras, até chegar, por fim, ao celebre valle das Aguas Doces.

Na margem esquerda, ao longo dos muros de Stambul, que n'este ponto começam a afastar-se da costa, succedem-se tres arrabaldes: o Fanav, bairro dos gregos byzantinos e digna succursal de Péra em quanto a machinações diplomaticas; Balata, miseravel habitação dos infelizes judeus; Eyub, mais acieada e mais feliz, como os musulmanos que habitam os seus bosques, e altiva pela sua formosa mesquita, onde os sultões vão cingir o sabre d'Othman, perante as cinzas do heroe que legou á villa o seu nome. Na margem direita, em seguida a Galata, que uma ponte de madeira, levemente apoiada nas ondas, como uma longa galeria descoberta, põe em communicação com Stambul, fica Hassim-Pachá, porto interior no grande porto, quasi totalmente formado pelos empregados do arsenal e pelas familias dos marinheiros.

Em quanto ao movimento que anima o braço de mar, que tão dignamente serve de porto a uma capital como Constantinopla, difficilmente podemos dar d'elle uma idéa.

As cidades, as villas, as aldeias, os arrabaldes, os bairros que o cercam, derramam constantemente n'elles o enxame das suas populações. Cruzam-o a todo o instante e em todos os sentidos navios de todas as fórmas, de todas as dimensões, desde os menores barquinhos de remos até aos couraçados mais poderosos. De todos os pontos partem nuvens de caniques, leves como o vento, rapidos como as flechas, fazendo a travessia de uma margem á outra, estes subindo o porto, aquelles descendo-o, á vela ou a remos.

Algumas vezes é uma esquadilha de navios de commercio que chegam ás centenas dos Dardanellos ou do mar Negro, quando o vento, muito tempo contrario, mudou de repente.

Outras vezes são os grandes navios de guerra dirigindo-se magestosamente do arsenal ao Bosphoro ou do Bosphoro ao arsenal, conformes as necessidades do serviço ou as mudanças de estação, porque a esquadra estaciona seis mezes n'um ponto, seis mezes n'outro. Dos dois lados do porto, mas principalmente em frente de Galata, uma grande multidão de navios, desfraldando

todos os pavilhões, está ancorada, e a immobilitade da sua immensa floresta de mastros contrasta curiosamente com os mastros agitados e em movimento, com as fugazes columnas de fumo, e com as vélas enfunadas que entram e que saem a todas as horas do dia.

A este movimento perpetuo, accrescentem-se os gritos dos barqueiros turcos, que mutuamente se advertem de longe, para evitar algum abalroamento perigoso; os cantos dos marinheiros europeus, emfim, todas as scenas vivas que se reproduzem nos centros onde afflue a massa da população, e ter-se-ha uma idéa da animação que reina no seio do porto de Constantinopla. Esta é a grande arteria onde veem desembocar todas as ruas da cidade.

Em Constantinopla, cidade essencialmente maritima, a população anda quasi sempre pela agua. Passeia-se no Bosphoro a toda a hora, vive-se uma grande parte do tempo ali. Que differença entre o apreço que os musulmanos dão ao seu vastissimo e magnifico porto, e a indifferença com que nós tratamos o Tejo, como elle esplendido e como elle vastissimo!

VISCONDE DE JUROMENHA

João Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, segundo visconde de Juromenha, ha dias fallecido, nasceu em Lisboa, n'uma casa



VISCONDE DE JUROMENHA

da rua de S. Domingos à Lapa, a 25 de maio de 1807. Filho do 1.º visconde de Juromenha, Antonio de Lemos Pereira de Lacerda, tenente general, e de sua mulher D. Maria da Luz Wildongby da Silveira, foi por seus paes destinado a estudos superiores, e depois de frequentar com aproveitamento o collegio dos Inglezinhos, passou d'alli para o collegio dos Nobres, e d'este para a universidade de Coimbra, onde não completou o curso por causa dos acontecimentos politicos de 1828 a 1834. Em obediencia a seu pae, abraçou a causa do infante D. Miguel e tomou assento na reunião dos tres estados do reino, em julho de 1828.

Tendo fallecido seu pae, pouco tempo depois, e não querendo envolver-se mais em politica, casou em 1837 com D. Carlota Emilia Ferreira Sarmento, que falleceu em 1857, e tendo estreitado relações litterarias com Alexandre Herculano, dedicou-se ás letras.

A sua estreia data de 1838, com a publicação de uma obra «Cintra pinturesca», que sahio anonyma. E' um volume de mais de 200 paginas, com estampas. Reviu-a Alexandre Herculano.

Depois, publicou outras obras, como o «Submisso protesto de um portuguez catholico», «O istmo de Suez e os portuguezes», «Obras de Luiz de Camões» (6 tomos), em que reuniu muitos esclarecimentos biographicos, criticos e bibliographicos, não colligidos até então, e onde fixou, por meio de um documento incontestavel, a data do obito do poeta em 1580, que os antigos biographicos, a começar dos que escreveram mais proximo d'esse uriste successo, tinham collocado em 1579.

Collaborou nos jornaes, «Nação», «Catholico», «Jornal de bellas artes», «Revista critica de bellas artes», e outras publicações.

Possuia notavel copia de informações relativas ás bellas artes em Portugal, e, no seu desejo de ser util á patria, e de levantar-a no conceito dos estranhos, ao estreitar as suas relações com Rackzynski, alegrou-se com a idéa de poder coadjuvar nas obras que esse esclarecido escriptor e diplomata prussiano ia escrever a respeito de assumptos artisticos.

E assim aconteceu. O visconde de Juromenha forneceu importantes subsidios para os livros de Rackzynski, «Les arts en Portugal» e «Dictionnaire historique artistique du Portugal».

O nobre visconde de Juromenha deixa ineditas algumas obras, como: a conclusão do estudo critico e biographico de Camões; umas observações relativas á obra «Camões», do sr. Latino Coelho, publicada na «Galeria dos varões illustres», do editor David Corazzi; outras observações á obra de Leone, «Camões e os Lusíadas»; e uma especie de monographia ácerca de «Lucrecia Borgia».

JOSÉ DE BARROS LEITE VELHO

A memoria d'este homem benemerito está sendo abençoada a esta hora por muitos pobresinhos, que elle contemplou no seu



JOSÉ DE BARROS LEITE VELHO

testamento; e são realmente justas as benções da indigencia perante uma acção tão meritoria e christã.

José de Barros Leite Velho, fallecido em 25 de maio findo, era natural de Braga, e filho de Manuel Antonio Velho da Silva Araujo, e de D. Barbara Pereira de Magalhães.

Em 1844, veio para Lisboa, chamado por seu tio materno, o conselheiro Felix Pereira de Magalhães, que desejou encarregar-se da sua educação.

Leite Velho entrou na Escola Polytechnica, onde fez um bom curso, passando depois á Escola de Exercito.

Sentou praça em infantaria n.º 4 e foi promovido d'alferes d'aquelle corpo a tenente d'engenheiros, por decreto de 5 de março de 1849.

Em 25 de janeiro de 1861 ascendeu ao posto de capitão, e reformou-se em major em 23 de outubro de 1869.

Serviu muitos annos na commissão geodesica, em que prestou bons serviços.

Era um observador eximio, como muitas vezes o affirmou, em documentos officiaes, o general Folque, que por largos annos fôra director dos trabalhos geodesicos.

No trato particular era um cavalheiro distincto, de primorosa educação.

Dos seus sentimentos nobres e generosos dá cabal testemunho o seu testamento.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica